LISBOA — QUINTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 25 — 10 CENTAVOS

Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

MADAME Curie vai á America receber um grama de radio, dadiva das mulheres americanas suas admiradoras. A preciosissima substancia virá para a Europa rodeada de todas as precauções, sendo dissolvida numa solução de bromo e agua, que será colocada em doze tubos de vidro e os tubos guardados em caixas de platina e chumbo e as caixas depositadas numa camara do navio, onde ninguem poderá entrar.

Em Roma havia um palacio, dentro do palacio uma mesa, em cima da mesa uma gaiola, dentro da gaiola um passaro...

O radio é o passaro da fabula.

* * *

Na importante revista parisiense «Le Monde Nouveau» dedica Camille Pitollet algumas paginas á acção das tropas portuguesas na batalha do Lys.

E' um trabalho recheado de documentação, de que ressalta nitidamente o esforço heroico dos soldados de Portugal nas trincheiras da Flandres—esforço infelizmente incompreendido e até, por vezes, menospresado.

O «Diario de Lisboa» inicia hoje a transcrição de tão eloquente documento, talvez o primeiro que sobre o assunto se tem publicado alêm-fronteira fazendo-nos justiça.

* * *

O sr. ministro das finanças disse aos representantes das associações Industrial, Comercial e de Agricultura que espera, com as suas propostas, levar as contribuições rustica, urbana e agricola a um rendimento para o Estado de 100.000 contos.

Chama-se a isto fazer da pele do contribuinte um tambor que rufará de maneira a evitar que se ouçam gritos e queixumes, saídos de toda a superficie dolorosa de Portugal.

* * *

Os professores da Universidade de Coimbra continuam dando as suas lições aos estudantes militares e afixando os sumarios das aulas que, por falta de alunos, não funcionam.

Os exames far-se-hão na época usual, sendo os examinandos obrigados a toda a materia leccionada até ao encerramento legal dos cursos e cadeiras.

* * *

O SR. Nunes Ribeiro, entrevistado pelo nosso presado colega «A Patria», declarou que os barcos ex-alemães sendo hoje do Estado podem muito bem pertencer ámanhã a particulares.

Ainda bem que se irmana com a nossa, a opinião do director dos Transportes Maritimos.

Oiro sobre azul, seria, no entanto, conseguir que esse ámanhã atingisse o positivismo dum «hoje» no mais curto praso de tempo.

Cada dia que corre—cada 70 contos que correm do minguado tesouro do Estado para o cofre sem fundo dos Transportes.

* * *

A PASTA da agricultura foi, enfim, parar ás mãos do sr. Portugal Durão.

O nome dêste senhor é um verdadeiro pregão de guerra. Oxalá que a crise das subsistencias o não torne subsidiario das iniciativas agricolas do sr. dr. Bernardino Machado!

Instabilidade ministerial

Os nossos governos levam tempo a organizar, não pela dificuldade de estabelecer um programa construtivo e largo, conforme as necessidades do país, mas para conter as ambições insofridas de certos politicos que entendem não poder dar a medida da sua força e da sua capacidade, senão presidindo a um ministerio da sua exclusiva invenção.

Apenas organizados, quando tudo parecia dever conjugar-se para facilitar a sua acção, garantindo-lhes socego e estabilidade, entram logo em exercicio para os derrubarem, os varios elementos hostis e discordantes que, desde que Portugal perdeu o amor da paz interior, não cessam de dar sinal de si, esmigalhando tudo que lhes ofereça um semblante de resistencia.

O governo do dr. Bernardino Machado levou trez semanas a surgir das tenebrosas conjuras que se empenhavam em o afogar, logo ao nascer. A cordealidade sempre vencedora de sua ex.ª esteve em riscos de sossobrar, perante os embaraços que criavam precisamente os que mais dispostos se diziam a ajuda-lo em empreza de tanta monta.

Quando o seu governo se apresentou ao Parlamento, logo houve quem afirmasse que o sol não passearia sobre Lisboa o seu disco de oiro, durante muitas semanas, sem que os arietes da cabala iniciassem a sua destruição.

Realmente assim tem sido.

O sr. dr. Bernardino Machado, que é por indole um homem inclinado a apertar em seus ternos braços amigos e inimigos, sente que a politica de amplexos não lhe dá os resultados que esperava. As conspirações incomodam-no, pois que, segundo dizem creaturas que conhecem os misterios dos nossos «torvos subterraneos», ha pelo menos umas seis em formação. Diariamente chegam ao ministerio do Interior informações ácêrca do que secretamente se trama e maquina contra o governo ou mesmo contra o regimen.

A questão das subsistencias, tão prometedora de perigos e procelas, que exigia a colaboração constante dos ministros do interior, agricultura, comercio, colonias, estrangeiro e trabalho, anda um pouco desgovernada e sem norte, até ontem entregue aos cuidados interinos, mas honestos, do sr. dr. Bernardino Machado.

E que diremos das dificuldades que sua ex.ª descobre, para poder imprimir unidade de pensamento e trabalho ao governo, tirando-lhe o caracter anedotico e dispersivo que o tem assinalado?

Estas são mais que muitas—tantas mesmo que já houve quem insinuasse que o sr. dr. Bernardino Machado, para poder marchar, carecia de mais pé e menos chapeu.

No momento em que o país só pede que o salvem, ha em Portugal quem cultive a politica como uma arte recreativa de paixões nefastas, trucidando governos como se fôram rezes.

NO OCASO DA VIDA

(*Desenho de Jorge Barradas*)

A riqueza é o nosso mal, porque nos «pesa» sobre o coração.

OS boatos correram esta tarde pela cidade, como andorinhas em céo descoberto.

Diz-se, entre muitas patranhas, que o governo prevê motins para breve. Será verdade? Como Portugal é um corpo enfermo, ha quem julgue que só um tratamento energico o pode curar. Por causa disto, os nossos politicos fingem sempre de grandes medicos.

* * *

O SR. Cunha Leal, emquanto o sr. ministro das finanças ontem falava, na Camara, interrompeu-o:—«Cantigas, sr. ministro das finanças, cantigas!»—

O sr. Antonio Maria da Silva irou-se, mas compreendeu breve que o sr. Cunha Leal supunha musica o seu discurso. Isto fê-lo sorrir—um daqueles sorrisos fiscais que ás vezes iluminam a sua barba, como um relampago uma floresta virgem... de tesoura.

* * *

QUINTA-FEIRA de Ascenção, hoje. Raros se aventuraram até ás hortas e á mór parte passou despercebida a tradição do dia. Nós proprios tê-la-hiamos olvidado se um amigo intimo do calendario nos não houvesse dito, um pouco orgulhoso da sua erudição:

—Hoje é o dia da espiga.

E' certo.

Como certo é, tambem, que de ha uns tempos para cá, todos os dias são de espiga.

Espiga a mais, espiga a menos—o povo está farto de espigas.

E para ele desde ha muito que todas as quintas-feiras são de ascensão de nossa senhora-libra.

* * *

UM cavalheiro que pintou os bigodes pela primeira vez apresentou-se á sua mulher assim transfigurado, com vinte anos de menos.—«Põe-te na rua—disse ela—que não admito que me enganem...»

* * *

A HORA impropria para ser publicada, recebemos uma carta da nossa ilustre colaboradora Clarinha sobre o assunto da sua entrevista de ontem, que sairá ámanhã.

* * *

Os nossos consules no Brasil e na America do Norte telegrafaram ao governo salientando a necessidade de impedir por todos os meios a emigração para aquelas duas Americas, pois que os emigrantes na sua grande maioria vivem em precarias circunstancias, recorrendo diariamente aos respectivos consules, a quem solicitam auxilios.

* * *

HOJE, aniversario da morte de Napoleão, o marechal Foch deve discursar, junto do tumulo do vencedor de Austerlitz, nos Invalidos.

Os dois grandes cabos de guerra devem entender-se tão bem que as cinzas dum hão de resurgir gloriosas na palavra do outro. Entre a vida e a morte só os timidos imaginam que está o Infinito.

MAGAZINE

NA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Ante-ontem a praça do Campo Pequeno, completamente cheia, apresentava um aspecto bizarro com as suas bandeiras desbotadas, os seus bancos grosseiros, a sua musica infernal. A tourada ha de ser sempre o espectaculo preferido do povo português. Toda a vida assim foi, toda a vida assim ha de ser. O nosso povinho gosta de barulho, de movimento e a vista do sangue fá-lo vibrar num entusiasmo indiscritivel. Desde as antigas corridas de touros, em em que toda a fidalguia levava á praça os mais ricos trajos, as mais deslumbrantes joias, em que se defrontava com os touros na arena a fina flôr dos mancebos da côrte, até á tourada dos nossos dias, pobretona, poeirenta, sem brilho nem aparato, o povo, sempre o mesmo, arrebatado, grosseiro, delirante, vai fielmente ver os touros, e hoje, como ontem, o seu entusiasmo é enorme, sincero, retrata em verdade flagrante a alma apaixonada e vibrante da nossa raça.

Ante-ontem a tourada do Campo Pequeno foi realmente notavel. Se por um lado temos de reconhecer que cada dia o aspecto da praça é mais réles, cada vez mais pobre o guarda-roupa dos toureiros, temos que confessar por outro lado que José Casimiro e «Alcalareño» se portaram muito bem, tendo conseguido levantar a praça, completamente cheia, num brado unisono de justo aplauso.

Vernissage — Salon des Artistes Français

Falar de pintura, actualmente, é extremamente dificil. Não me esquecerei nunca desta frase que um critico, um verdadeiro critico d'arte, me disse há dias entre duas fumaças do seu inseparavel cachimbo: —«Os pintores consagrados são velhos e consagrados de mais; os novos, são como os meninos de escola:—abusam da liberdade que lhes dão».

Assim é, com efeito. Diante dum quadro de consagrado, hoje, como sempre, os nossos olhos encontram-lhe perfeição na forma, justeza na ideia, verdade no colorido; mas toda a mocidade deste seculo tem uma aspiração mais alta, necessita de mais audacia, de mais folego, de mais amplitude.

Hoje, num periodo em que a vida se complicou de todas as maneiras, em que a existencia é mais agitada, mais cortada de incidentes, não pode agradar plenamente a arte de há cincoenta anos. A forma, a correção trocam-se facilmente pela frescura e pelo colorido.

Mas se os antigos—os consagrados não satisfazem as exigencias do momento, os novos, ainda menos. Nas suas telas, sem estudo, ao acaso, espalham tintas, manchas, sombras... E a confusão é enorme, assustadora, desconcertante...

Em Paris o mesmo se está dando. Os jornais franceses, embora com cautela, dão a entender que os pintores, este ano, deixam muito a desejar.

Das quarenta e três salas em que os artistas franceses expõem, aproveitam os criticos uma duzia de trabalhos.

Ainda bem que a crise não é só nossa...

Festa do Jardim da Estrela

Helena Castelo Melhor, incansavel artista, trabalha denodadamente para que a festa do Jardim da Estrela se realise com o brilhantismo e o exito que caracterisam sempre as festas que a sua arte idealisa.

Este «garden-party», no grande Jardim da Estrela, magnificamente ensombrado pela ramaria densa das arvores, vai com certeza entusiasmar Lisboa em peso.

No programa da festa figuram bailados deliciosos, danças de todos os paises.

Ao lado dos nossos bailaricos, do nosso «vira», do ingenuo «verde-gaio», figurarão as danças movimentadas, desarticuladas da America, e todas as danças que os franceses, os ingleses e os mexicanos dançam.

Haverá bazar, o classico bazar das nossas festas.

Toda a sociedade de Lisboa irá ao Jardim da Estrela. O sol hade brilhar ao alto.

E será, portanto, delicioso o aspecto das avenidas do jardim, quando, iluminadas por réstea de luz, passarem alegres, bem vestidas, contentes, as raparigas mais bonitas de Lisboa, com o braçado de flores que vão vender a troco de sorrisos, para os «pobres de Lisboa».

UM DOCUMENTO ELOQUENTE

As tropas portuguesas na batalha de "La Lys"

A França começa a fazer justiça ás qualidades combativas dos soldados de Portugal

Entre o já abundante material mais ou menos historico produzido sobre as diversas peripecias da Grande Guerra, não se encontra ainda um estudo merecidamente atento da participação do Corpo Expedicionario Português na sangrenta batalha do Lys—para os nossos aliados lusitanos a segunda e decisiva fase da grande ofensiva alemã do inverno de 1918, desencadeada em 9 de Abril sobre o campo de batalha de «Messines», desde o canal de «La Bassée» até ao bosque «Grenier».

Não que faltem ao escritor publicações portuguesas aptas a facitar-lhes a tarefa. Mas nós estamos tão pouco ao corrente dos livros publicados em Portugal que as obras de vulgarisação, como as que editou a Renascença Portuguesa sob a rubrica «obras sobre a grande guerra», não conseguiram — salvo fugitivas inserções e entre elas apenas merece ser citada a de Philéas Lebesgne no «Mercure de France» — tornar-se conhecidas do publico letrado francês.

Este facto é tanto mais lamentavel quanto é certo que a ignorancia em que ficámos das condições da intervenção portuguesa junto dos aliados permite a sobrevivencia no seio do nosso espirito nacional de erros e preconceitos que um pouco de precisão documentaria não teria deixado de dissipar.

Entre todos os livros que mereciam ter sido traduzidos para a nossa lingua figura o que escreveu o general Gomes da Costa, comandante do C. E. P. e que intitulou: «O Corpo de Exercito Português na grande guerra, A Batalha do Lys».

Esta obra que o seu autor diz desejar completar com uma outra—«As origens da intervenção portuguesa e o C. E. P. por dentro--encerra inexactidões que se nos afiguram voluntarias e que rectificaremos neste trabalho.

Mas nem por isso ela deixa de constituir um filão abundante de informações em primeira mão, que em vão se procurariam noutra fonte.

A sua alta significação moral está suficientemente definida nesta passagem da «Voyage en Italie» de Taine, inscrita no seu frontespicio:

«Neste mundo, o mais fraco torna-se presa do mais forte. Assim que um povo adquire uma forma de organização superior, os seus visinhos vêem-se obrigados a imita-lo. Aquele que hoje se esquece de fabricar canhões estriados e barcos couraçados será amanhã um protegido que se poupa, depois de amanhã um estribo que se põe, mais tarde um terreno de pilhagem.»

Duras palavras, talvez, para certo idealismo, mas infelizmente verdadeiras.

Entretanto, antes de entrarmos nas complexas particularidades do nosso relato, convem dizer algumas palavras sobre a organização do C. E. P., sua concentração, instrução, entrada na frente de batalha, comando, etc.—até ao dia fatal de 9 de abril de 1918.

Depois que o parlamento portuguez decidiu a participação de Portugal na guerra europeia reuniu em Lisboa, em agosto de 1916, uma comissão em que a França, Inglaterra e Portugal estavam representados e na qual se resolveu que este ultimo país enviaria a França uma divisão reforçada que seria incorporada no exercito britanico.

Dessa divisão fariam parte dezoito batalhões de infantaria, sem contar com as outras armas e serviços designados num memorandum assinado pelo ministro dos estrangeiros português.

Antes de se operar o embarque dos contingentes, regressaram de França a Portugal o chefe do estado maior da divisão e o comandante da artilharia, que aqui tinham vindo a fim de concertar com o comando britanico a instalação e instrução das tropas portuguesas.

Numa entrevista que tiveram com Norton de Matos—então ministro da guerra—esses oficiais superiores declararam que os aliados entendiam que Portugal devia enviar para o «front» de oeste um corpo de artilharia pesada.

Mas como esse corpo não podia fazer parte da divisão portuguesa e por outro lado era conveniente que uma vez em linha ficasse sob as ordens do general comandante do C. E. P., foi resolvido reforçar a representação no *front*, transformando a divisão inicial num corpo de exercito com duas divisões, o qual muito naturalmente exigia na sua composição, artilharia pesada.

Foi nestas condições que as forças portuguesas começaram a desembarcar em Brest, nos primeiros dias de Fevereiro de 1917, para lhe ser ministrada instrução e incorporadas depois no 11.º corpo britanico.

No principio de Março de 1917, esses efectivos, segundo os quadros de mobilisação, representavam 54.976 homens. A 3 de Março o Q. G. das tropas portuguesas estava instalado em Aix-sur-la-Lys e a 23 as tropas estavam subordinadas ao primeiro exercito inglês em tudo o que dependia do seu comando directo.

Sabe-se que o *front* inglês se estendia desde Dixmude até ao Oise—250 quilometros ocupados por 80 divisões agrupadas em 5 exercitos, dos quais o primeiro, comandado pelo general Horne, compreendia o decimo primeiro corpo, que tinha á sua frente o general Haking.

Este corpo ocupava uma frente de 55 quilometros, de Armentières a Gravelle num efectivo de 84.000 homens e combatia contra 8 divisões do 6.º exercito alemão num total aproximado de 56.000 homens.

Os portugueses nunca ocuparam mais de dez quilometros deste sector, entre New Bond Street e Sheland Road, ao sul.

Em 2 de Abril de 1917 a primeira companhia de infantaria portuguesa entrou a titulo de instrução na frente de combate, a titulo de instrução, integrada num batalhão britanico.

Em 23 a 1.ª divisão do C. E. P. estava, emfim, organisada e o seu comando confiado ao então coronel Gomes da Costa.

(Continua).

Camillo Pitollet.

Acaba de publicar-se:

O Livro de Amor de João de Deus

A obra suprema do grande lirico
A' venda nas principais livrarias

Pedidos á

SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL
RUA GARRETT—LISBOA

CONFERENCIA

Efectua-se hoje, ás 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, a sexta conferencia do sr. dr. Faria de Vasconcelos sobre «Educação das Familias» sendo a entrada publica.

REUNIÕES PARA HOJE

Companhia Nacional de Viação e Electricidade, ás 21; Pessoal do Arsenal de Marinha, ás 21; Operarios Chapeleiros, ás 21.

NO GINASIO

A FESTA DO ACTOR OTELO

Na bilheteira do Gimnasio não satisfizeram ontem a requisição habitual do «Diario de Lisboa», sob o pretexto de que era um beneficio. E por ser um beneficio o jornalista não entra. Ora o «Diario de Lisboa» não fechou a sua porta ao reclamo gratuito. A empresa é que não teve uma cadeira para o «Diario de Lisboa». Troca por troca é a praxe estabelecida entre jornais e teatros.

Mas já não é de ontem nem de hoje esta situação de vexame constante a que o jornalista está sujeito em frente da bilheteira de um teatro.

E' preciso falar sempre de chapeu na mão, como se fossemos pedir um favor, que não é mais do que uma obrigação moral e material que nos é devida. E' bom frisar que o jornalista não vai de bom grado assistir a todas as berundangas que se põem em scena, mas sim por uma obrigação profissional, prestando muitas vezes serviços ás empresas, que elas não sabem pagar com uma gentileza.

Deste modo, não podemos fazer nenhuma referencia á peça que ontem se estreou no Gimnasio, porque era beneficio...

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado.
Botões perola, agulhas.
Bordado a pezo e á peça.
Peúgas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C.
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

Tabacaria Barbosa

Novidades literarias nacionaes e estrangeiras

Jornaes e publicações ilustradas

Telefone 2926-C.

Rua do Carmo, 67

Sociedade Portuguesa de Administrações

SOC. ANON. DE RESP. LIM.

CAPITAL AUTORISADO: 5:000 CONTOS **CAPITAL EMITIDO: 1:000 CONTOS**

Endereço telegrafico "Spa"—Cod. Ribeiro: A. B. C. 5.ª Ed.—Lieber's

SÉDE — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — LISBOA

TABELA DE COMISSÕES
ADMINISTRAÇÃO DE BENS

(*) Recebimentos de Juros e Dividendos—Lisboa e Porto	1 0/0
Recebimentos de Juros e Dividendos—fóra de Lisboa e Porto	1 1/2 0/0
Recebimentos de Heranças e Legados	Convencional
Compra e Venda de Titulos	1 0/0
Compra e Venda de Prédios rústicos e urbanos	1 0/0
Cobrança de rendas de predios	2 0/0
Cobrança de Pensões do Estado	2 0/0
Cobrança de ordenados e vencimentos	2 0/0
Pagamentos de impostos:—por um predio	Esc. 3$00
por 2 a 4 predios, cada um	Esc. 2$00
por 5 predios ou mais, cada um	Esc. 1$80

Administrações mais complexas, condições convencionais

ARTE & LETRAS

O FARRUSCO

Numa dependencia estreita, com postigo para o saguão, de um armazem de secos e molhados, tresandando a bacalhau de má raça, e armada em escritorio, está sentado a uma mesa de pinho pintada em côr de ginja, um sujeito, tipo vulgar nesses sitios: —homem gorducho, dos seus cincoenta anos, curto de pescoço e de pernas, cabelo grisalho e raro, olhos pequenos e pardos, nariz de ponteira rombuda e alçada, deixando bem á vista o limiar das fossas nasais, cavadas em touças de pelos espetados como sedas sobre o bigode farto e arripiado, como uma tojeira. Veste um paletot cinzento, cheio de nodoas largas, dificilmente identificaveis, arregaçado nas mangas, ficando á mostra, sob os punhos engelhados e curtos da camisa sebenta, metade do ante-braço peludo como um macaco.

José Quintino sonhou um dia que havia de ser rico. Tendo ouvido dizer que o Brasil era de geito a engordar o redenho e as bolsas, entestou-se com o oceano e ei-lo, aos vinte e seis anos, no Rio de Janeiro a pirandar.

Decorridos, porém, seis anos, sem ter a sorte do encargo de liquidar a herança de algum conterraneo rico, que é um meio solido e comodo de enriquecer por lá honradamente, voltou á terra onde nascera, sem trazer sequer um papagaio, e mais apoucado do que fôra, pois tais drogas lhe apegaram á maneira de falar, que até ele, ouvindo-se, ficava sem saber, ao certo, se era português ou brasileiro.

Resolveu, por fim, pôr tenda em Lisboa. Começou com uma porta, vendendo com duzentos e cincoenta por cento de ganho, ajudado por um marçanito, que lhe fazia todo o serviço, apenas por umas duzias de pontapés por dia. Ao fim de dois anos, José Quintino tinha três portas, um caixeiro a quem pagava dezoito vintens por mês, sem outros encargos, e dois marçanos de graça, a *espermentar*, como ele dizia. Contava já liquidos doze contos de réis, e estava em vesperas de se casar com a filha de um sapateiro, que ele sabia que era avantajado em cabedais de todos os generos.

Em conclusão:—Quando rebentou a guerra, o nosso homem tinha seis portas, um primeiro andar a abarrotar de viveres, dois caixeiros e três marçanos *espermentados*, a quem pagava, ao todo, por dia, um *pinto*, que era a denominação rapida e conservadora, que ele dava a 480 réis, e mais dois marçanitos para *espermentação*.

Tinha vasta copia de capitais em bancos... Uma fortuna de duzentos e cincoenta contos, liberrimos do negocio. Casára com a filha do tal senhor de cabedais e tinha dela um filho e uma filha. Aquele já trabalhava na loja, na qualidade de marçano de *espermentação*. Tinha nove anos incompletos. A filha tinha onze anos e era a criada da casa.

A mulher que, passados poucos anos depois do casamento, se inteirou de que se tinha dado a um gebo de corpo e alma, para não perder, por sua vez, a alma tambem de todo, foi cedendo com suspirosas promessas do penitente aos rogos sacros dum conego imberbe que, por um lado, tinha conta aberta na loja de José Quintino, a trôco de varias tranquibernias conseguidas em passagens aos direitos na alfandega, e, por outro, ia afagando, com estreitos carinhos religiosos, as revoltas da mulher contra o marido, que quasi a punha de banda para só tratar da mercearia e da *espermentação* dos marçanos.

Na ocasião em que encontramos José Quintino está ele enlevado na montanha de lucros que lhe vieram da guerra e ainda mais... da paz. Orça por um milhão cinco mil e quinhentos escudos a sua fortuna.

—E perdi eu seis anos a *espermentar* no Rio!—pensa ele.

Depois, esfrega a cara e os olhos com as mãos grossas, peludas e sujas de tinta e de sabão amarelo.

—Ah! mas a maior asneira, Zé Quintino —diz ele em voz alta, dando um murro na mesa—a maior asneira foi casar-me! E depois de me casar, ter filhos! Para quê? Meu sogro está forte como uma barra ainda... Intrujou-me! Não deu um vintem á filha! E eu tenho de a sustentar a ela e aos filhos! Má raios parta a minha sorte!...

—Podiamos ser só nós os dois...—exclama, olhando para o *Farrusco*.

O *Farrusco* é um grande gato preto, seu companheiro inseparavel de muitos anos. Está sempre ali, a um canto da mesa, sentado, entufado, de olhos fitos em José Quintino, seguindo-lhe com o olhar todos os movimentos. E' a sua sombra. José Quintino levanta-se e sai do cubiculo? O *Farrusco* desenrosca-se, pula da mesa, e não o larga mais. Segue-lhe todos os passos. Assiste a todos os seus actos, os mais discretos, a todas as conversas, até a todos os seus pensamentos, atento, mudo, fleumatico. Nota-se-lhe no olhar uma curiosidade profunda, persistente... O *Farrusco* só fecha os olhos quando José Quintino dorme.

—Pouca sorte! Pouca sorte!—repete José Quintino.

E fica-se todo curvado sobre a mesa a examinar cuidadosamente, avaramente, pela centesima vez, um grande masso de notas de mil escudos.

Batem á porta, que está simplesmente encostada.

—Quem é? — pregunta com terrivel mau humor José Quintino, sem voltar a cabeça e cobrindo á pressa as notas com uma folha de jornal.

—Sou eu, meu pai...—responde de fora uma voz fraca de criança, timidamente, e logo desfeita num grande ataque de tosse.

—Que é que quere? Entre... seu cáchorro!

Abre-se a porta, a mêdo, e entra o filho de José Quintino. E' um rapazinho de pouco mais de doze anos, mas que parece ter oito. Muito magro, quasi esqueletico, as faces sumidas e palidas, os olhos encovados nas orbitas roxas, o nariz afilado, o peito colado ás costas, vestido com um fato de cotim esfarrapado, os pés nús em alparcas esburacadas.

—Que quere, seu *inguia?* — pregunta o pai.

O filho tem outro ataque de tosse, que lhe deixa duas grandes rosetas nos molares descarnados.

—Ora você, seu Zé Ninguem, não podia tossir lá fora? V. julga que eu tenho tempo para o aturar?

«Ande... Despache-se, diga o que quer. Vamos!—vocifera o pai.

—A Manuela fugiu...diz o rapazinho.

Manuela era a irmã.

José Quintino ergueu-se de um salto. pega no braço do filho e, abanando-o desalmadamente, grita:

—Fugiu ?!! Fugiu... com quê ?

—Com quê ?!!—diz o rapaz a tremer.

—Sim, seu cáchorro! Diga rapido. Que foi que ela me roubou? Se ela fugiu é porque roubou... Roubou-me... Estou desgraçado! Filha maldita... A policia, a policia. A minha filha roubou-me.

—Ela não roubou nada, meu pai. Não roubou nada. Fugiu com o namôro. Levou vestido o unico fato quo tinha.

—Pff!—respira José Quintino, largando o filho. E continua:

—Então que diabo tenho eu com isso? E' menos uma bôca a comer... E' menos uma sanguesuga do que tanto me tem custado a ganhar... Porque não foge v. tambem?

—Eu vinha pedir ao pai, se me deixava ir ao medico... Tenho aqui uma dôr tão grande...

E aponta o peito.

—Ah cachorro! V. julga que eu que o roubei? V. julga que eu tenho trabalhado como um moiro para dar o produto do suor do meu rosto á cafila dos medicos? Seu ladrão! Ponha-se já daqui para fora. Já, seu malandro, que o arrebento.

José Quintino está apopletico... fumegante... As abas sebentas do paletot giram numa fona...

Dá um encontrão no filho, que vai cair a dois passos, desamparadamente, a chorar e a tossir, batendo com a cabeça na porta.

José Quintino pega-lhe por baixo dos braços, põe-no fora e fecha a porta por dentro á chave.

—Cafila!—rosna ele. Não basta dar-lhe de comer e de vestir... e ainda o luxo de um medico! Trabalhe, que o trabalho é saude...

Mas José Quintino estaca de subito, de olhos arregalados, arquejante, o rosto num rictus infernal, como se de repente alguem lhe tivesse agarrado o coração e lho estivesse a arrancar aos poucos...

O *Farrusco*, depois de afastar a folha do jornal, tinha estendido as mãos e enterrara as unhas todas nas notas. Está estendido, quieto, sereno, o focinho pousado sobre as mãos, os olhos postos nos olhos de José Quintino.

José Quintino domina o assombro e estruge de colera.

—Larga!... Larga, *Farrusco!*

Os olhos do gato permanecem fixos, inflexivelmente, em José Quintino. Este aproxima-se, agarra o masso das notas com os polegares e indices, pela margem livre das unhas do gato.

—Larga, *Farrusco*. Larga! Largas ou não largas.

Subitamente, apertando, com toda a força que pode, o masso, puxa-o e tira-o; mas todas as notas que estavam presas nas garras do *Farrusco*, ficam esfarrapadas... inutilisadas...

O *Farrusco* permanece na mesma posição, como se nada fosse comsigo, de olhos fitos no rosto de José Quintino.

—Ah! maldito! ladrão! que me desgraçaste!—grita o merceeiro, doido de dôr e de colera.—Eu já t'arranjo...

Corre ao pé da porta, pega de uma bengala grossa de pau ferro terminada em moca... O *Farrusco* está na mesma atitude, apenas agora voltado para a porta.

Quando José Quintino vai para ele, os olhos do gato parecem dois carvões incandescentes e o pêlo eriça-se-lhe até á ponta do rabo. José Quintino, já ao pé da mesa, de braço erguido, vai a descarregar-lhe a moca sobre a cabeça; mas o *Farrusco*, com a rapidez de um relampago, dá um pulo, crava-lhe os dentes todos na gorja, abraça-lhe o pescoço e enfia-lhe as garras na nuca. As unhas das patas trazeiras furam-lhe a camisa e fincam-se-lhe no estomago rasgando-lhe a carne.

José Quintino quere gritar, mas os dentes do gato atravessam-lhe a garganta. Da boca aberta em espasmo, escorrem-lhe apenas uns ais surdos, abafados em golfadas de sangue vivo. Deixa cair a bengala. Num desespero mortal agarra o gato pelos presuntos e puxa... Mas, ao mesmo tempo, sente esfacelar-se-lhe o estomago, a guela e a nuca... Uma onda de sangue cobre-lhe os olhos, empasta-se-lhe de suor o cabelo, corre-lhe pelo rosto uma palidez de morte... Cambaleia... e cai de costas...

Durante mais de uma hora o *Farrusco* ali fica com as garras e os dentes estarrecidos na garganta e na nuca do cadaver inteiriçado do dono.

Depois, levanta a cabeça, finca-se nas pernas, puxa as mãos, salta para o lado e senta-se uns minutos, de olhos serenos, imoveis, fitos nos olhos esbugalhados, parados, frios, inertes e baços de José Quintino.

Por fim, vagarosamente, dirige-se para o lado do saguão, pula ao postigo, volta ainda a cabeça um momento... e desaparece.

Carlos Babo

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Livraria PORTUGALIA Editora

Gabinete de Leitura

Portuguesa
Francesa e Hespanhola

9.000 obras dos melhores autores

Completa variedade de ROMANCES
Poesia — Historia — Filosofia — Arte — Finanças, etc., etc.

Mensalidade 1$20

Catalogos 1$50

75 — Rua do Carmo — 75

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções — Banhos de imersão e douches — Grande Hotel — Parque, casino, mata e passeios no rio — Excelente de vistas deslumbrantes — Iluminação electrica — TRATAMENTO — DESCANÇO — TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: (Nas termas.
(Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Os melindrados

Hoje saí de casa com a algibeira mais recheada que de costume. E' uma sensação tão agradavel! Parecia-me que o ceu tinha um azul mais intenso, que a casaria da cidade acordára lavada e fresca, e até, quando cheguei ao Rocio, olhei com uns olhos infinitamente benevolos para a desolação do sr. Paiva e Pona. Rua do Ouro fóra o meu andar devia ter um *salero* triunfador; e sacudia a mão, quando enxergava um amigo, com uma garbosa exuberancia pouco nos meus habitos.

Em frente do Banco Colonial dou de cára com o Alvaro, meu amigo de ha longos anos.

Ha duas categorias de amigos, segundo a divisão feita por uma espirituosissima senhora da nossa sociedade. Os *amigos-almofadas-de-suma-a-uma* e os *amigos-corôas-de-espinhos*.

Os primeiros, especie rarissimo, são aqueles que fazem da sua amisade um afecto repousante, com o qual a gente conta atravez de tudo, e que encontra sempre igual, sempre disposto a atenuar ou a não vêr as nossas faltas; os da segunda especie, infinitamente mais numerosa, são os que se *melindram* tanto mais facilmente quanto mais nos querem, tomando assim a amisade num verdadeiro frete; o seu afecto precisa cultivado como uma flôr delicadissima. e em tudo quanto fizermos, se não adoptarmos especiais cautelas, será posto um segundo sentido, uma intenção reservada; podemos contar com a sua dedicação tanto como com a dos primeiros,—pois refiro-me, em ambos os casos, a amigos sinceros; mas ai de nós se, por qualquer motivo, faltamos aos mais minuciosos deveres da pragmatica,

O Alvaro é o tipo mais perfeito da segunda especie; e eu, que sou espirito fraco, gosto imenso dele mas tremo interiormente assim que o vejo.

—Viva!

—Viva... E havia no seu *viva* um tom cavo que me estarreceu; compreendi que estava *melindrado*. Comecei então a falar com uma grande volubilidade, fingindo que não tinha percebido. A exposição no Salão Bobone, as greves inglesas, os disturbios de Barcelona, a baixa do cambio, uma infinita serie de coisas que não me interessavam. A nada o bruto se movia! (Salvo seja...)

—Anda d'aí tomar chá.

A gula era o seu ponto fraco; percebi-lhe no olhar uma hesitação curta; fomos. Pensei com magua na sangria que teria de fazer á pobre bolsa; mas espicacei-me interiormente com mil normas sobre sagrados deveres da amisade, e creio que consegui fazer boa cara ao mau jogo.

Cinco minuios depois de nos sentarmos, o Alvaro, com o olhar melancolico fito no reflexo prateado do bule, principiou de desabafar:

—Pois eu tenho andado um bocado melindroso comtigo.

—Comigo?! Porquê, homem?

—Inda o preguntas! Pois passaram ha dez dias os anos da minha sogra, e tu... nada!

—Oh menino, palavra que não me passou pela cabeça... que... ela fizesse anos! (A mim o que não me tinha passado pela cabeça era que ele se importasse dois caracois com a sogra!) E depois tu bem sabes o que é a minha vida! Um rodopio!

—Sim, sim. Só para os amigos velhos é que não se arranja tempo! Eu bem sei! Para ir ao baile das Larangeiras arranjaste. Bem sei que eu não tenho palacios, nem sou Burnay. O que vale é que...

Não cheguei a saber *o que é que valia*. Felizmente o desgosto parecia ter sobre o apetite do meu amigo a influencia da noz vomica; desapareciam sucessivas piramides de bolos...

Continuou desfiando o rosario dos seus *melindres*:

—E se fôsse só isso! Mas as amisades velhas esquecem, e só as novas têm valor. O outro dia vi eu que, na dedicatoria do teu livro, feita ao Pedro, puzeste a data de 24 de Março, e na do meu livro está a de 26. Ora eu sou teu amigo ha mais tempo que ele, devia vir primeiro! Isto são coisas que doem, que magoam; e então vindas de ti!

Desenvolvi torrentes de eloquencia para lhe mostrar a sua sem rasão, disse-lhe que os ultimos serão os primeiros; mas não servia de nada porque sobre as cinzas de um reparo morto logo dois ou três inéditos surgiam. Já sentia os cabelos em pé com o sem numero de melindres saídos por aquela boca e talvez tambem, para que nega-lo, com os regimentos de pasteis por ela entrados...

O chá, em que eu não comi nada, custou-me uns poucos de escudos, muitos escudos! E quando já na rua me consolava com a ideia de ter desanuviado uma amisade que me era cara, o Alvaro travou-me do braço dizendo:

—Vês?! tu sempre tiveste esta mania, lançar poeira nos olhos! Que mo faças á mim é que me magoa; são coisas que doem... Este chá devia ter sido a meias... (A meias! Ainda me explorava, o miseravel!)

Estaquei em plena rua; dei um estição ao colete, retezei o peito, ergui a fronte, e, não podendo mais exclamei num grande grito de alma incompreendido, num tom profundo de quem falasse para a Historia:

—Sêbo, ex.mo senhor!

T. R. C.

"Caminho da Atlantida"
(Uma campanha luzo-brasileira)
—=POR=—
JOÃO DE BARROS
Á VENDA NA
LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49

O QUE URGE FAZER

As nossas missões religiosas em Moçambique

O sr. D. Rafael de Assunção, ilustre bispo de Moçambique, entrevistado por um nosso redactor, refere-se á falta de missões naquela provincia e diz, serem elas e seu principal elemento de nacionalização

Foi numa sala triste, sobria de moveis; com quadros religiosos pendendo das paredes e hastes de amendoeiras, florindo em dois calices junto a uma grande imagem de Cristo; que esperamos que o sr. D. Rafael de Assunção, bispo eleito de Moçambique, acabasse o seu jantar. Tinham-nos dito que ele era uma grave figura de apostolo, de grandes barbas, gesto lento, palavra humilde, cheia de conforto e de carinho. E quando ele abriu a porta da sala e avançou até nós, o corpo apertado na sua batina preta, a sua mão erguida em fraternal acolhimento. vimos que o bispo de Moçambique era bem aquele missionario que durante trinta anos evangelizara pela nossa Africa oriental, convertendo, educando, amando todos.

—Mas quere uma entrevista?

Confessámos que sim, que esperavamos do bispo de Moçambique as suas impressões, a sua visão religiosa sobre a nossa Africa.

—Não lhe queria dizer nada, sem primeiro ir ao ministerio. Compreende...

—Porém, v. ex.ª, encarando o problema das missões, certamente não cometerá nenhuma incorrecção... Gostariamos tanto...

—Pois bem: falamos.

E com um sorriso de alegria e um clarão de contentamento brilhando nos olhos o sr. D. Rafael de Assunção, bispo de Moçambique, entrou de nos dizer:

—Agrada-me imenso cairmos nesse assunto. Ha tanto a referir. Em Moçambique existem poucas missões, o que é um grande mal... Se soubesse como aquele rico territorio se vai desaportuguesando...

—Porquê?

—As missões estrangeiras apropriaram-se de quasi toda a provincia. Elas conduzem novas linguas, inoculam no indigena o desrespeito á nossa soberania, fazem o seu comercio.

—O quê, tambem isso?

—Tambem...

—E as nossas missões seguem-lhe o exemplo?—inquirimos com anciedade.

—Não. Apezar de pobres, não se servem desses meios...

—Poder-nos-ha dizer quantas missões portuguesas existem na provincia.

—De momento não me ocorre o numeró. No entanto não errarei ao afirmar-lhe que em Moçambique ha apenas trinta religiosos portugueses.

—E quantos estrangeiros?

—Muitos, muitos. Eles recrutam para as missões pessoal indigena que por vezes não respeita a religião como deve.

O sr. bispo de Moçambique discorria, falava. A sua voz lenta e cativante de missionario começou então a descrever-nos o mal, o grande mal dos religiosos estrangeiros na provincia.

—Abundam por lá missões inglesas e americanas. A lingua que tanto umas como outras falam é um elo fortissimo. Os seus esforços congregaram-se e a acção comum que elas já iniciaram é bastante grave e colossal para o nosso sentimento português...

—Porque não manda então o clero da metropole religiosos com abundancia?—objectámos.

—Não sei se se recorda que Sernache do Bomjardim era um colegio de educação para os missionarios religiosos... Fecharam-no ao principio da republica e só ha pouco o abriram. Leva ainda algum tempo, direi melhor, alguns anos a educação dos alunos...

—E as missões laicas não tapam essa falta?

—As missões laicas são poucas...

—Uma pergunta: é V. Ex.ª contrario a essas missões?

—Não. Não sou contrario porque a provincia é tão grande, que tanto os laicos como os religiosos, podem exercer o seu mister sem conflito de processos. No entanto dir-lhe-ei que já se reconheceu que os religiosos são mais gratos ao indigena e que á acção educadora, se deve juntar a acção espiritual.

—O preto gosta de aprender?

—Gosta. Muitos emigram porque não têm escolas nos seus territorios; vão para a Africa do Sul e voltam falando inglês, fazendo propaganda, contraria ao nosso prestigio, inoculando nos seus compatriotas o amor ao estrangeiro.

E o sr. bispo de Moçambique conta-nos então a historia dum preto que numa palhota onde vendia comestiveis, rotulou pomposamente o seu comercio de dizeres ingleses.

—E de escolas, o que nos diz?

—Ha muito poucas; ao norte não há nenhuma. Na Beira existem duas que eu ajudei a construir e que na opinião de varios governadores que por ali têm passado são as melhores da provincia. São de artes e oficios...

—Acredita V. Ex.ª na acção do sr. Brito Camacho, como alto comissario?

—Não o conheço, nunca lhe falei; dizem-me no entanto, que é inteligente, tenaz, activo. Estas qualidades são preciosas e levam-me a crêr que Brito Camacho fará um bom logar...

—Tenciona demorar-se muito tempo em Lisboa?

—Venho para descançar dos meus trinta anos de labor continuo, através da provincia. Descansarei algum tempo e partirei.

Tivemos então a visão da sua obra; obra de grandeza e de fé.

Para terminar, preguntamos ainda: e a sua viagem á Terra-Santa?

—Foi proveitosa. Calcule que desde que aquela região foi conquistada pelos ingleses, debatem-se ali influencias de quasi todas as nações.

A Italia, a Inglaterra e a França. mandaram os seus padres, e cada uma delas, enviou o seu cardeal. As influencias combatem-se e agora quando no parlamento qualquer primeiro ministro daquelas tres nações se refere ao problema do Oriente, dizem sempre: educamos tantos mil crianças; os nossos padres são respeitados; os indigenas falam a nossa lingua. A'manhã, quando o problema da Siria, de Anatolia, de Jerusalem fôr resolvido, será a influencia religiosa a pedra de toque sobre a qual se firmará o futuro dessas regiões. Imagine agora que ámanhã em Moçambique o mesmo problema urgia resolver... O resultado era duvidoso...

—O que é preciso, então?

—Que o Estado auxilie as missões, que faça como o governo italiano: dê passagens gratuitas a todos os religiosos que queiram ir para a Africa. E depois, depois, as ambições da Africa do Sul, são tão visiveis, estão tão exacerbadas, são tanto para recear, que é preciso imediatamente dilatar por todo o Moçambique a nossa lingua e os nossos costumes.

Erguemo-nos. A sala enchera-se de sombras; na parede a imagem de Cristo enchia-se de grandeza, olhos infinitos, perdidos no infinito; das hastes de amendoeira em flôr, descaíam petalas; ouvia-se o perpassar dos carros, lá fora, na rua.

E o sr. bispo de Moçambique, erguendo-se tambem, envolto na sua batina preta, a mão elegante de orador e de missionario entreaberta num gesto familiar, diz-nos por fim:

—Eu não quero que a imprensa se ocupe do problema das missões, sob o ponto de vista religioso, não! Sómente desejo que ela o encare patrioticamente, portuguêsmente.

AS SUBSISTENCIAS

O "Diario de Lisboa" entrevista o novo ministro da agricultura

"Vamos entrar no comercio livre, porém, lenta e prudentemente" — declara-nos o cap. tenente sr. Portugal Durão

O sr. Portugal Durão, uma hora antes de ser ministro da agricultura, foi entrevistado rapidamente pelo *Diario de Lisboa*.

—V. ex.ª decreta o comercio livre?

—Sou partidario do comercio livre. Porêm, não podemos passar do estado actual para o normal sem uma transição lenta e prudente. Como sabe, existe no ministerio da agricultura uma comissão nomeada pelo sr. dr. Bernardino Machado encarregada de estudar essa transição.

Essa comissão ainda está muito longe de concluir os seus trabalhos. Sei, porêm, que ela já propôs abastecer o mercado de azeites coloniais, sem prejudicar o actual regime do azeite de oliveira. Podemos, pois, em breve, ter na metropole doze mil toneladas de oleos comestiveis, o que será um grande passo para a resolução do problema dos abastecimentos.

—Continua essa comissão desempenhando o seu mandato?

—Continua. Fiz parte dessa comissão até ontem e vi que o seu trabalho é importantisimo para a acção de qualquer ministro da agricultura.

—E os armazens reguladores?

—E' preciso que eles subsistam e se multipliquem. Na provincia tenciono confiá-los ás Camaras Municipais.

—O sr. Peres Trancoso fica?

—Ainda não falei com o sr. comissario dos abastecimentos, meu velho amigo e camarada da armada. Julgo, porém, que ele ficará. Tenho o mais vivo empenho em trabalhar com ele. As noticias que os jornais teem dado da sua demissão carecem de fundamento.

—Como é que v. ex.ª conta abastecer o mercado de açucar?

—Nada lhe posso dizer ainda sobre esse assunto. E depois bem vê, é uma e meia, o tempo urge; tenho que ir tomar posse da pasta que o sr. dr. Bernardino Machado me confiou,

E o sr. Portugal Durão acompanha-nos até á porta, prometendo uma entrevista, para mais tarde, para daqui a alguns dias.

MÁ-LINGUA

"Agua da Fonte,,

por *Tomás Ribeiro Colaço*

Tem apelido aquoso no Ribeiro,
e este seu livro tambem é molhado;
deve ser muito loiro e deslavado
este poeta romantico e fagueiro...
Li folhinha a folhinha o seu tratado
de regional sabor: desde o primeiro
até findar o verso derradeiro,
achei que é chocho o seu arrasoado.
E' francamente tolo o meu amigo;
Sinto volupia em embirrar comsigo,
em lhe falar assim de pé atraz;
(Tenho a sinceridade de o dizer
pois sei que não se zanga, se me ler;
ele no fundo não é mau rapaz...)

TAÇO

A CIDADE

COISAS DE TEATRO

Ouvindo o sr. Jaime Cortezão sobre a sua peça "Adão e Eva"

"O que eu essencialmente quiz fazer foi arte e por consequencia representar a Vida" — diz-nos o ilustre dramaturgo

Jaime Cortezão—o lirico enternecido da «Gloria Humilde», o evocador epico do «Infante de Sagres»—tem no Gimnasio, em ensaios, uma nova peça em três actos: «Adão e Eva».

Desejoso de ouvir a sua opinião sobre a peça, antes da leitura para que fui convidado, o ilustre poeta recebeu-me, no seu gabinete de director da Bibliteca, de cujas janelas pude vêr, numa distancia de brumas; naquele dia sem sol, um trecho magnifico do Tejo.

—E' bem o gabinete dum poeta—exclamei encantado.

—Rialmente é um encanto a paisagem que daqui se abrange. Se tivesse tempo, se pudesse ficar horas esquecidas, entregue ao meu sonho, a contemplar o mar, havia de fazer um *diario do Tejo...*

E Jaime Cortezão continuou a abranger o mar, numa anciedade enorme de conquista, como esse alto Infante que ele resuscitou em versos magnificos, na febre de lhe desvendar todos os seus misterios... E assim alto, ruivo e forte, com um olhar penetrante e uma aparencia decidida de *Homme qui marche*, o poeta pareceu-me uma escultura de Rodin.

—Devemos atribuir ao titulo da sua nova peça um sentido simbolico, não é verdade?

—Certamente. Adão e Eva são o homem e a mulher começando a vida nova no mundo novo.

—A vida nova?

—Sim, a vida nova. Eu creio com efeito que a Humanidade atravessa uma hora de genesis e a minha intenção foi representar no teatro, sob o seu aspecto dramatico, essa consciencia nova que alvorece.

Realis esse pequeno acto de coragem de sêr em Portugal o primeiro a abordar no teatro a questão social.

Julgo que o maior pecado que se pode cometer em arte é ter mêdo á vida e á verdade.

—Trata-se duma obra de tese?

—O que eu essencialmente quiz fazer foi arte e por consequencia representar a vida como os meus olhos a veem actualmente e o meu coração a sente. De resto, nem o mais objectivo dos artistas deixa de impregnar a sua obra do seu proprio pensamento. Creio, todavia, que se a minha peça conclui por alguma coisa é por uma afirmação de ordem religiosa e filosofica. Se ela alguma coisa tenta definir é um conceito heroico de liberdade.

E assim terminou a entrevista com o poeta.

A leitura da peça realisou-se ontem, ás 9 horas da noite. E' uma obra notavel, visando um alto ideal. A figura de Marcos é grande no seu idealismo. «Suzana», emfim, compreendeu-o. «Marcos» revive ao calor desta certeza. A arvore da vida vai pertencer-lhe... O sol está a nascer... «Suzana» é bem a Eva feita da sua costela de Adão. E o sentido filosofico da peça cabe todo para mim, no poder universal do amor.

A. M.

Nomeações

Foi nomeado chefe de expediente e contabilidade dos serviços tecnicos dos caminhos de ferro de Lourenço Marques o sr. Pereira Gomes.

—Pelo ministerio do trabalho foi nomeado o facultativo Antonio Martins Ferreira para o lugar de sub-delegado de saude do concelho de Calheta (Angra do Heroismo) na vaga ocorrida pela exoneração de Ricardo José Vera-Cruz.

LITERATURA A PESO

A historia dos livros da Biblioteca do Colegio de Campolide

O que se passou com as nove carroçadas de livros

UMA CARTA DO SR. BORGES GRAINHA

Do sr. Borges Grainha recebemos, com o pedido de publicação, a carta que se segue historiando o que se tem passado desde Outubro de 1910 com a Biblioteca do Colegio dos Jesuitas em Campolide:

1.º—O dr. Afonso Costa, ministro da Justiça, nomeou por portaria de 18 de Novembro de 1910 uma comissão composta principalmente de professores para escolherem e distribuirem por diversos estabelecimentos do Estado livros e material pedagogicos que houvesse no Colegio de Campolide, que considerava como pertencente ao Estado. Os vogais dessa comissão fizeram retirar de Campolide as raridades bibliograficas, que haviam num armario do quarto do Provincial, os livros que constituiam uma biblioteca scientifica existente no museu scientifico do colegio e alguns livros dentre os qne estavam na biblioteca grande da casa.

Do modo como foi feita essa remoção não tem responsabilidades a Comissão das Congregações, que foi nomeada mês e meio depois, por portaria de 27 de dezembro de 1910, nem eu que fui comissionado para Campolide, dois mêses depois, em 18 de janeiro de 1911.

2.º—Quando entrei em Campolide para procurar documentos para rebater as reclamações congreganistas encontrei lá o tenente Viana de Lemos, como depositario e guarda, desde 18 de outubro de 1910, continuando a sê-lo até 29 de janeiro de 1914.

Ele recebeu, por esse tempo, 3 ordens, assinadas pelo ministro Afonso Costa, para entregar certos objectos pedidos por certas pessoas. Mostrou-mas e pediu o meu conselho. Aconselhei-o a que não entregasse nada sem irmos falar com o ministro. Fomos. Expuz-lhe que não havia razão para se fazerem essas entregas de objectos, pertencentes aos jesuitas e pedidos por individuos dos quais dois eram pessoas da familia de padres jesuitas e antigos alunos do Colegio, e que eu havia já encontrado ali não só elementos para rebater completamente as reclamações do jesuita Bramley, mas para se fazer um excelente Arquivo das Congregações, composto de arquivo, biblioteca e museu. Em vista desta exposição, secundada por Viana de Lemos, Afonso Costa autorizou-me: 1.º a não entregar nada a ninguem senão o que eu julgasse razoavel; 2.º a fazer escolha e apartamento do que eu julgasse util para esse Arquivo das Congregações.

Um dos peticionarios daquelas três propostas era o sr. dr. José Leite, director do Museu Etnológico, e foi então que Viana de Lemos me disse que esse director, vogal da primeira comissão, já tinha levado outros objectos e alguns livros raros do quarto do Provincial, mas que disso não tinha recibo. Aconselhei-o a que procurasse obtê-lo, o que seria facil, tendo ele sido discipulo e sendo amigo daquele senhor.

Parece que o obteve, mas eu não tenho lembrança de que ele m'o tivesse mostrado então. Só agora em 26 de abril, encontrei noticia dêsse recibo num papel que casualmente descobri na secretaria da Comissão das Congregações, e que é tão elucidativo para o conhecimento das primitivas remoções de livros e outros objectos de Campolide, feitas pela primeira comissão, que deve ser transcrito na integra. Ei-lo:

Declaração do depositario do Colegio de Campolide ácerca do artigo do jornal «O País».

Com meu conhecimento só saíram do Colegio de Campolide objectos com autorização competente e de que se cobrou recibo.

Para o Museu Ethnologico, segundo o recibo que tenho presente foram os seguintes objectos:

Varios instrumentos prehistoricos de pedra lascada, e um de pedra polida, duas lucernas de barro romanas, cinco instrumentos de pedra gentilicos, verbetes em branco, para catalogação de livros, uma banquinha de madeira para escrever, onze objectos ethnograficos do Oriente e Africa pequenos, varias moedas portuguesas de cobre sem valor e dois vintens de prata de D. Sebastião com «S», duas medalhas portuguesas modernas, dois mostradores de madeira destinados a moedas ou medalhas. Uns Lusiadas de 1613 e outro de 1670. Numismologia de B. Mouganti. Antiguidades de G. Estaço Regras de perfeição e conservação dos monges de 1531. Horatius de 1498. Lusiadas edição de Faria y Sousa (um volume). Origem da lingua portuguesa de D. N. de Lião de 1606. Côrte na Aldeia de 1696. Devino pelicano de 1670. Fasciculos de Thesaurus Linguae Latinae. Rudimentos de Lingua Grega 1788. 6 fotografias ethnograficas. Um costumeiro.

Este recibo tem a data de 11 de março e assinado pelo director do Museu.

Para o acondicionamento de vidros e aparelhos que foram distribuidos pelos diferentes estabelecimentos, formei caixotes, palha e farrapos existentes no Colegio e portanto pertencentes ao Estado, no que não vi mais do que a necessidade de proteger a fragilidade dos objectos. A um liceu emprestei mesmo uns cobertores que novamente voltaram para o Colegio. E' provavel que para o mesmo fim de acondicionamento tivesse fornecido, o que me não recordo, alguma mala, desconjuntada. Tambem me não recordo se forneci material para aquele fim ao Museu Ethnologico.

De Campolide só saiu roupa para os seguintes destinos: Asilo dos Velhos de Campolide, alunos que foram do extinto colegio. Roupas que foram entregues a alguns padres estrangeiros. Instituto dos Pupilos do Exercito.

Lisboa, 26 de janeiro de 1912.—(a) *Alvaro Viana de Lemos*, tenente de infantaria.

O documento é datado de 26 de Janeiro de 1912 e foi escrito «ácerca de um artigo do jornal «O País». Ora isto exige uma explicação.

«O País» em 16 de Janeiro desse ano escreveu um artigo contra o director do Museu Etnologico e outros funcionarios dele e fazia referencias a Viana de Lemos. Este respondeu a essas referencias em carta publicada nesse jornal no dia 27, e é provavel que na vespera tivesse entregado aquele papel á Comissão das Congregações, da qual então fazia parte, tendo sido agregado a ela, juntamente comigo, por portaria de 22 de Abril de 1911.

3.º Passemos agora ás remoções, que, por autorisação de Afonso Costa e por deliberações da Comissão das Congregações, eu fiz, de livros, papeis e outros objectos, de Campolide para o Quelhas, para lá se constituir «O Arquivo das Congregações». Essas remoções foram feitas principalmente em dois anos, bastante distanciadas, as primeiras no ano de 1913 e as ultimas no de 1917, e todas elas constam das actas da Comissão e de documentos existentes na sua secretaria.

Da acta da sessão de 17 de Abril de 1913 (pag. 25): «A Comissão delibera que fossem para a casa do Quelhas, n.º 6, confiados á guarda do vogal sr. Grainha, que procederá á sua escolha, os moveis e todos os mais objectos, livros e papeis do Colegio de Campolide, que o vogal Borges Grainha entenda deverem ser mudados.»

Mas não foi só de Campolide que foram livros, etc., para o Quelhas, foram tambem das outras casas congreganistas de Lisboa. Da acta da sessão de 8 de Maio de 1913 (pag. 28):

«A Comissão deliberou que os livros e papeis de casas de Lisboa, ainda não recolhidos, se depositem na igreja do Quelhas, conforme propõe o vogal Grainha em seu oficio de 5 do corrente.»

Das casas congreganistas do resto do país, não só têm sido remetidos para o Quelhas muitos livros e objectos, mas estão-no sendo ainda agora e continuarão. De quando em quando aparecem no Quelhas carroçadas de livros, etc.

E, já que falámos em carroçadas, é tempo de tratarmos das celebres «nove carroçadas de livros», que tantos sobresaltos têm causado a certos espiritos e a mim me tem causado muito riso, já por diversas vezes.

Num oficio de 23 de Maio de 1917, diz-me o secretario: «constando por informações dos empregados que s. ex.ª por ocasião de preparar o despejo do predio de Campolide para a sua entrega á Comissão de Hospitalisação da Cruzada das Mulheres Portuguesas e quando de uma inspecção ao sotão do extinto Colegio, fez transportar bastantes livros da Biblioteca daquele Colegio para o Arquivo do Quelhas, 6, o que convem ficar constatado nesta repartição, rogamos a s. ex.ª se digne informar-nos se tal mudança de livros foi efectuada».

Num oficio de 30 do mesmo mês o secretario referindo-se á continuação da inspecção do sotão, comunica-me que os empregados encarregados dos transportes anteriores chamaram-lhes *nove carroçadas de livros*. Cá estão elas, as *nove carroçadas de livros!!!*

Eu respondi-lhe com dois oficios, um de 27 de Maio e outro de 13 de Junho de 1917.

No de 27 de Maio dizia eu: «Tenho a informar que de facto, nas duas ocasiões citadas no seu oficio fiz transportar livros da Biblioteca de Campolide para o Arquivo da rua do Quelhas, 6. Esses livros foram de duas especies: 1.ª especie—livros em grande numero, reclamados por tres jesuitas estrangeiros, que desde o principio estavam separados para lhes serem entregues, mas como ainda ninguem apareceu a recebê-los, mandei-os ir para o Quelhas, onde continuam separados em estantes proprias; 2.ª especie—livros da Biblioteca que completavam as primeiras colecções remetidas em 1913, e que sem estas ficariam incompletas e truncadas». No oficio de 13 de Junho escrevi: «Aproveito a ocasião para declarar que das *nove carroçadas de livros*, de que se fala no seu oficio, algumas delas não transportaram só livros, mas tambem outros objectos bem pesados, como uma imagem em gesso de tamanho natural e jarras que foram para as Picôas e para o Quelhas um chamado Presepio de Machado de Castro e outros objectos.»

Entre esses objectos foi a eça onde se depositavam os cadaveres dos jesuitas e todos estes livros e objectos podem ainda agora ser vistos no Quelhas no *Arquivo das Congregações*, de que fazem parte.

As fatidicas *nove carroçadas de livros* referem-se ao ano de 1917, e sobre elas há dois oficios dirigidos a mim pelo secretario da Comissão, e outros dois dirigidos por mim ao dito secretario.

Aqui estão explicadas *as nove carroçadas de livros*. E o facto de eu mandar meter na Biblioteca grande da casa nas estantes vagas os livros de estudo e devotos dos alunos, que estavam dispersos, resultou da incumbencia que me deram, de despejar todo o predio, deixando só á disposição da comissão a Biblioteca, separada por tapumes, e em comunicação com uma escada propria que dava para um patio. Daí a remoção de livros e outros objectos para o Quelhas e para as Picôas. Convem dizer que já outra vez eu tivera de introduzir nas estantes vagas, da Biblioteca grande da casa, livros das bibliotecas dos alunos, mas isso fi-lo por incumbencia especial da comissão e por motivos diplomaticos, que não são para aqui.

Agradecendo a publicação, sou de v., etc.,
M. Borges Grainha.

Lisboa, 3 de Maio de 1921.

Administrador do concelho de Tomar

O sr. Antonio Joaquim da Guerra Semedo foi exonerado de administrador do concelho de Tomar.

COLONIAS

O QUE VAI PELAS NOSSAS POSSESSÕES

A desnacionalização de Moçambique

Como as Companhias magestaticas desterram a nossa civilização dos territorios que ocupam

Sr. director—O *Diario de Lisboa* de 3 do corrente, publicando uma entrevista de toda a actualidade com o distinto colonial sr. Rosa Cabral, ácerca da Provincia de Moçambique, feriu uma nota interessando a desnacionalização, emanando das nossas duas Companhias magestaticas, que me sugeriu mencionar alguns factos concretos de observação directa; na convicção de que não deve resultar superfluo pôr a opinião em contacto não só com as ideias, mas tambem com os factos. Que, em regra, as afirmativas em síntese mal a despertam da sua habitual indiferença.

***

Vejamos: um pouco do que se tem passado com a Companhia de Moçambique, por exemplo a qual com já três decenios na posse de um vasto territorio de superficie não inferior a dez e meia a da nossa metropole, dispõe de apenas um caminho de ferro como arteria quasi unica de penetração.

E' sabido como resulta sempre preponderante a acção destes instrumentos de colonização; e mais acentuadamente ainda para o nosso dominio colonial onde uma tal ordem de orgãos de fomento é ainda agora de efectivação mediocremente densa.

Se atentarmos em que, como deixo dito, naquele territorio, os restantes meios de comunicação se encontram ainda em estado rudimentar, resultará irrecusavel um tanto mais intenso grau de importancia relativa e de consequentes reflexos, sob todos os pontos de vista a vibrarem daquela via acelerada, por muito que os seus vicios de origem dessem tambem margem para os «contos largos» a que aludiu o sr. Rosa Cabral.

***

Na referida linha ferrea, com efeito, o «pessoal» não indigena é na quasi totalidade estrangeiro—excepção feita de um agente comercial, meia duzia, se tanto de operarios e recentemente, como consequencia da guerra, dois ou três empregados de inferior categoria. A's vezes o medico deste troço de linha é português e em tempos houve um chefe de estação português tambem. E assim temos como os nossos compatriotas brancos não excedem o numero digito por ali.

Raro se topa ao longo da via quem compreenda a *lingua* portuguesa; nem é em lingua portuguesa que sóe publicarem-se guias, horarios, tarifas, etc. Os mesmos nomes de estações e apeadeiros, mal a isso se prestem, são escritos afeiçoando-os a ortografia estranha. Os funcionarios da empresa exploradora da linha não só se abstêem do emprego da lingua de Camões, quando se dirigem oficialmente ás nossas autoridades, mas foram mais longe:—chegaram a obter que estas ultimas lhes correspondam, não no vetusto idioma que se propoz perpetuar por aquelas paragens os nomes de Lourenço Marques e Bartolomeu Dias, mas já no *esperanto* de... Cecil Rhodes...

A lusa *moeda* não tem ali curso; a não ser alguma vez outr'ora por obsequiosa concessão do chefe de estação português acima mencionado. Impera, em zona tal do nosso dominio, o culto da libra esterlina, o schelling e subsidiario penny. Ao longo daqueles bons 320 quilometros de feudo, nem vencem fazer-se reconhecer os jovens escudo e centavo, nem o encanecido tostão logrou nunca a menor deferencia.

Por toda aquela faixa de *territorio* português, ainda não deu entrada o *sistema metrico* decimal. O *quilo* é ali desconhecido; a *tonelada* está longe de equivaler aos nossos mil quilos. As altitudes de estações e apeadeiros vêem-se, sim, afixadas em taboletas; porém sistematicamente expressas em *pés*, como que de sentinela junto de nomes topograficos que se não amoldam a versão para o idioma albionense. E, se a um dos lados da via se observa, de 5 em 5 quilometros, a indicação das distancias á estação terminus no posto maritimo, é isso imposto por o contracto ter concedido á empresa construtora a propriedade *blocos* de terreno, alternados e adjacentes á linha, em quadrados de 2:500 hectares; mas logo do lado oposto da via se depara,—*mememte homo!...*—, contraposta, a demarcação das mesmas distancias expressas em *milhas* e seus *quartos*.

Dest'arte temos, pois, em resumo, como os mais eficazes instrumentos de aproximação, se não de unificação politica e de acção directriz, os nossos nacionais pessoal e lingua, moeda, pesos e medidas, —padrões aferidores de uma soberania—estão sendo dali banidos e com eles, consequentemente, os usos e costumes portugueses.

Ocioso frisar como tais factos são do dominio publico; mas a não passar em claro que eles se desenrolam ás vistas de indigena pronunciada, se não irredutivelmente, avesso a laços de assimilação, mal tendo aceitado a nossa soberania efectiva desde apenas 5 lustres e boa parte do qual ainda ha cerca de quatro anos se sublevou na crença—segundo se aventava—de que a substituição de um dominador por outro (ao tempo o germanico) seria uma especie de libertação.

Os portugueses torna-viagem daquela região, já melhor ou peor resignados com esta deprimente situação e que adregam de tocar pela vez primeira no porto do Lobito, onde se encontram instalações de uma companhia ferroviaria estrangeira tambem, esfregam os olhos, descrentes, perante o cunho nacional que aqui se observa. E é ouvi-los, depois, no seu regresso a bordo!

***

Aqui tem, pois, sr. director do *Diario de Lisboa*, um *gramo di fatti*, como pretendia Ferri, a desenhar, em linhas singelas e precisas, um caso patologico de imprudente desnacionalisação, fermentando precisamente atravez da nossa colonia mais ameaçada pelos apetites de estranhos cubiçosos.

Mas o caminho de ferro em questão muitas outras caracteristicas oferece ainda não menos singulares. E o peor é que uma segunda via acelerada agora ali em construção, promete seguir as pisadas do seu primogenito.

Outrosim, sob outros aspectos, posto que ainda dentro da restrita citação de factos, interessante não menos resultava o exame da forma esquisita pela qual vem sendo exercido o usofruto da soberania portuguesa por terras de Manica e Sofala. Que, —está bem de ver—fenomenos sociais da indole dos acima apontados não surgem esporadicos, isolados ou singulares; antes se anastomosam e complicam caprichosamente com diversos outros afins acessorios multiplices de modo a nem sempre se tornar pratica a aspiração por discriminar-lhes o mecanismo ultimo.

Não desejo, porém, usurpar mais espaço ao seu aprimorado jornal e agradecendo e cativante acolhimento, subscrevo-me de v. etc.—*Coronel A. Granger*, Lisboa, Hotel Francfort, 5 de Maio de 1921.

PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 842—LISBOA

PROVINCIAS

Em Coimbra

Queda dum cavalo

Coimbra, 2

O major Reis, de infantaria 35, deu hoje uma queda dum cavalo, na rua da Sofia, fracturando uma perna.

Tentativa de suicidio

Tentou hoje pôr termo á existencia o caixeiro da Tabacaria Crespo, Manuel Rodrigues. O tresloucado procedeu assim em virtude de sofrer de doença que há muito lhe mina a existencia.

Uma festa de caridade

E' no dia 10 de Maio que se realiza no Teatro Sousa Bastos uma festa de caridade, representando-se a peça «A Bisbilhoteira», que será desempenhada por amadores. Esta festa é promovida pela sr.ª Condessa de Vinhó e Almedina.

Em Montemór-o-Novo

A feira

Montemór-o-Novo, 3.

Terminou hoje a feira que começou no dia 1. Foi muito concorrida. Apareceu muito gado de todas as especies, mas as transacções não foram tantas como se esperavam, nem as vendas efectuadas se fizeram pelos preços desejados pelos vendedores, atribuindo-se isto á falta de chuva, que está comprometendo as pastagens.

Sport

Entre o 1.º «team» do Grupo Sport dos Empregados do Comercio e um «team» mixto do Grupo União Sport, realisou-se um desafio para disputar a taça 1.º «team» do Grupo União Sport. Ganhou o União por duas bolas a 0.

Varias noticias

Foi transferida em concurso, da escola de S. Mateus, deste concelho, para a de S. Vicente, concelho de Chaves, a professora D. Arminda de Andrade Cruz.

—A escola de S. Brissos, deste concelho, posta a concurso, ha pouco, tem 90 concorrentes.

—Sente-se por aqui uma grande estiagem, receando-se a perda total das ceáras. Os favais estão de todo arrazados.

Em Cezimbra

As festas ao Senhor Jesus das Chagas

Cezimbra, 1

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericordia desta vila, de harmonia com os festeiros do Senhor Jesus das Chagas, resolveram que nos dias 3, 4 e 5 de maio, por ocasião das festas, se fizesse arraial no passeio publico, com «kermesse» e tombola, revertendo o produto a favor do hospital concorrendo os festeiros do Senhor das Chagas com iluminação e musica. E como se não pode, por falta de tempo, dirigir circulares a toda a povoação que toda se interessa pelo hospital e é crente e respeitadora da tradicional festa, vem por este meio pedir a todos o seu concurso de donativos em dinheiro e objectos para a «kermesse» agradecendo desde já a todos quantos secundem com o seu concurso, o fim caritativo e a tradicional devoção que a Misericordia deseja efectivar.

Em Mortagua

Conselho municipal

Mortagua, 1

Reuniu, na ultima quinta-feira, o Senado Municipal, sob a presidencia do sr. dr. Aureliano Maia. Aprovadas as contas da gerencia finda, foi deliberado restaurar o extinto partido medico e autorisar a Comissão Executiva a alienar os bens proprios que sobem a dezenas de contos, para, com o seu produto se edificarem uns novos Paços do Concelho, e se proceder ao desenvolvimento da viação municipal. Esta obra é de urgente necessidade, tão vergonhoso é o pardieiro onde se acham instaladas as repartições publicas.

Arrolamento de azeite

Pelo administrador do concelho foi mandado fazer o arrolamento do azeite, que é transportado para a vila e ali vendido ao povo de todas as freguesias, em dias certos. Esta centralisação tem causado protestos, comtudo, pois não é justo que se obrigue quem precisa, a perder um dia, por meio litro de azeite, e a calcurriar leguas de serra para o merecer.

Contra tal facto, protestamos, chamando para ele a atenção de quem de direito. E' necessario que uns não sejam filhos e, outros, enteados...

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 6—Resa-se S. João diante da porta Latina, duplex maior, paramentos vermelhos, 2.ª oração da Oitava, Missa Credo, e prefacio dos Apostolos.

LAUSPERENE—Na Ermida da Ascenção de Cristo (na Calçada do Combro).

FESTIVIDADES—Sé, ás 11. Côro, ás 12 missa, e vesperas. S. Roque, ás 8 1|2 missa.

ASCENÇÃO DE CRISTO—A's 10 missa da Paz; ás 19 1|2 h. Terços Benditos, por musica.

NOVENA DA SENHORA DOS MARTIRES.—MARTIRES—A's 18 h. com exposição do SS.mo por instrumental. Exposição da Imagem do Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

MEZ DE MARIA—Nas igrejas onde se faz essa devoção.

MONSERRATE—A's 21 horas, Mês de Maria com exposição do SS.mo por musica.

—Na igreja dos Jeronimos no dia 8 ás 12 1|2 celebra-se a festa ao Senhor dos Passos por musica orando o rev. Agostinho da Mota ás 19 «Te-Deum».

—Por devoção particular no dia 8 na igreja de S. Julião ás 10 1|2 celebra-se uma festa a Santa Rita de Cassia por instrumental orando o rev. dr. Santos Farinha.

AUTOMOVEIS
Vendem-se 2, Berliet e Brasier.
Largo do Marquez do Lavradio, n.º 15.

ESCRITA Á MAQUINA
3$00 por mez
TAQUIGRAFIA
Escola Central
RUA DA TRINDADE, 30, 2.º
(Frente ao largo Bordalo Pinheiro)
DIRIGIDA POR SENHORA
Maquinas de todos os sistemas

DR. JOÃO CAMELO
ADVOGADO
Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

N.º 18 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 5-5-921

A' BUSCA DA BOA SORTE

Novela por Aquilino Ribeiro

X

E de toda esta multidão, gaudiente e rumorosa, o solar parecia uma feira.

Soou, finalmente, a hora de se ir para a capela, e a noiva a demorar. Decorreram cinco, dez minutos de expectação, até que uma voz funesta, correu, engrossou, tomou pé. A noiva caira fulminada por um ataque do coração.

Correram as pessoas de casa com os medicos, que havia ali muitos. E, dobrando-se sobre a donzela, com as suas vestes brancas e a corôa de laranjeira amarrotadas sob o esbelto corpo amarrotado, pronunciaram:

—Está perdida!

O noivo chegou, entretanto, e logo a seus olhos claros, aos pés da cama se perfilou o espectro ascoroso da Morte. Viu-a logo, abarcando tudo de suas orbitas cavas, dardejando sobre ele um feixe fulgurante de ameaças, e a dôr que o trabalhou foi tão grande que caíu no chão sem sentidos.

Quando voltou a si, apertou as mãos á cabeça e viram-no, depois, de braço erguido e mão crispada para um ponto vago da alcôva, e olhos ferozes, muito saídos das orbitas, a fuzilar. E, após aquela scena inexplicavel de frenesim, erguendo-se cambaleante, disse:

—Ajudem-me!

E ante uma roda atonita, entreolhando-se duma acção tão absurda, fez voltar a noiva na cama com a cabeça para os pés. E, prodigiosa, imprevistamente, todos viram a febre a descer, os olhos a vestir-se de humanidade, o organismo a recuperar o sopro normal. E, crentes de que se passára ali um alto misterio, assoberbados do inexplicavel, se foram, adiada a festa para hora melhor.

O doutor quedou ali muito tempo, até poder ouvir com o timbre proprio, da terna boca, vozes e juras de amor. E já batiam trindades pelas aldeias, e as aves notivagas saíam em volta dos paredões a sarabandear, quando, de coração tremulo, e alma fria, abalou.

Ao chegar ao cotovelo do caminho, por detraz de cujos paredões altos a casa da sua noiva sossobrava, apareceu-lhe a Morte. Perto, estendendo pelo montado suas azas de forte envergadura, os olhos brilhantes como farois, dois avejões imensos esperavam.

—Monta—disse-lhe a Morte em tom de mando.

—Perdão, minha nobre e augusta madrinha! Era minha noiva, o meu primeiro e grande amor...—balbuciou ele, implorando de mãos erguidas.

—Monta!—tornou ela, numa voz sibilada de colera.

Cavalgou ele, cavalgou ela e, alando-se a alturas vertiginosas, os dois avejões dispararam.

Teve o doutor o sentimento de que percorriam o espaço infinito dum só galão, tão rapido como o pensamento. Por baixo deles escurecera, ao alto, a noite floria mais que um jardim na primavera. Porém, mal tivera tempo de erguer os olhos, já os monstros alados, planando ligeiros, desciam á borda dum rio onde parecia reinar uma penumbra eterna. Salgueiros e choupos que ali medravam muito altos e esguios, rochas a pino emarasmadas, um céu sem vida, tudo era estranho, como adormecido á perpetuidade. Mas no ribeiro corriam grossas aguas, encapeladas e eram mais negras que o pez. Ouvia-se-lhes o marulho, um marulho surdo como empurrando-se umas ás outras com impeto, e esmagando-se sem fragor no corredor estreito das margens. Uma pedra bem mandada cairia da outra banda, mas com a luz baça que ali fazia, a terra aparentava de escura, esteril, sem ondulações, nem horizontes. E sobre o cais os vultos que ali pareciam estar esperando, eram sombras, sombras esgalgadas, quasi diafanas, que se moviam sem rumor.

Desceu a Morte até a fimbria da agua e, aí, á vista do barqueiro que se perfilava todo membrudo e vigoroso, amassado em bronze, hirto sobre a embarcação, a vara espetada no lodo a governar, a Morte gritou:

—O' da barca!

O barqueiro não ouviu, ou fez mente de não ouvir, ocupado em reger o esquife negro, abarrotado de passageiros.

No cais, as sombras pareceram redemoinhar, vergar numa dolente curiosidade.

—O' da barca! — clamou novamente a Morte, num esturtor que fez oscilar as sombras como o vento forte a luzes fatuas. E um murmurio, como coado por uma briza ligeira, correu entre elas, sussurrou, em gamas brandas e pausas de funda melancolia.

Numa voz grossa de enfado, respondeu então o barqueiro:

(Continua).

NO ESTRANGEIRO

INGLESES E RUSSOS

O acordo comercial entre a Inglaterra e a Russia

Uma interpelação na Camara dos Comuns

A nomeação dos agentes comerciais — Não se sabe ainda qual o destino que se deve dar ao ouro russo que foi enviado para Londres

LONDRES, 5.

Em resposta a uma pregunta, o sr. Baldwin, secretario parlamentar do Board of Trade, declarou na Camara dos Comuns que não houve entre a Inglaterra e a Russia transacções comerciais, que, conforme o acôrdo firmado pelos dois paises se podem realizar.

Os preliminares essenciais, como o nomeamento de agentes comerciais oficiais, a concessão de seguranças aos comerciantes, etc., não se fizeram ainda e nada se decidiu igualmente com relação ao ouro de procedencia russa enviado para a Inglaterra. Quando se tenha resolvido este assunto, poderão começar as operações. —(R.)

As relações russo-germanicas

BERLIM, 5.

A imprensa alemã diz que o governo dos «soviets» está disposto a renovar as comunicações por caminho de ferro com Berlim, no caso do acôrdo russo-germano ficar resolvido satisfatoriamente.—(R.)

NA SIBERIA ORIENTAL

Uma insurreição apoiada pelos japoneses

RIGA, 5.

Num discurso pronunciado numa reunião de oficiais vermelhos, Trotski expressou os temores que lhe inspira a situação na Siberia oriental, onde rebentou uma insurreição apoiada pelos japoneses.—(R).

Desordens na Alta Silesia

Medidas da comissão inter-aliada

LONDRES, 5.

Diz-se que houve graves desordens na Alta Silesia, e irregulares polacos armados ocuparam varias cidades. A comissão inter-aliada está tomando medidas para restaurar a ordem.—(R.)

OURO compra por alto preço "A Realidade,, Rua Eugenio Santos, 44

Imprensa Libanio da Silva
Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.
24, Travessa do Fala Só, 24
Telefone 2110 C.
Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

A OCUPAÇÃO DO RHUR

A ALEMANHA E AS REPARAÇÕES

Ao partirem para o Rhur os soldados franceses exclamam serenamente: A Alemanha assim o quiz

A America, cuja acção militar e diplomatica foi decisiva para a assinatura do armisticio, tem a esperança de que a sua influencia ainda se faça sentir na Alemanha e que esta aproveite o tempo que lhe resta, antes da ocupação do Rhur, para apresentar novas propostas e evitar uma situação que ainda cavará mais fundo o odio existente entre as duas nações.

Ou a Alemanha resiste já violentamente ou se vai preparar para tirar a desforra: mas agora predomina a indecisão, eles proprios o reconhecem. Não têm a coragem necessaria para resistir ou para se inclinarem á vontade do vencedor. Diante de uma situação muitissimo pior, não tem a força necessaria para a todo transe pagar. Mais aflitiva era a situação da França em 1870 e, contudo, em pouco mais tempo do que tem decorrido desde o armisticio, tinha pago a sua divida quasi por completo.

Em lugar de procurar fazer o mesmo, a Alemanha perde o tempo em vãs suplicas, revoltas, ameaças e nada resolve.

De todos os aliados só a America tem ainda a esperança de que reconheçam enfim que têm de pagar o que deve. Espera-se que a influencia de Hugues seja decisiva. Quanto os aliados desejam, prova-o o esperarem ainda, o esperarem até que a ocupação seja um facto consumado.

Todas as potencias estão de acordo: a Italia, a Belgica, a França, a Inglaterra, todas têm o mesmo pensamento: não ha divergencias. Só a America espera ainda, espera atê á ultima, para então a sua decisão forte e irrevogavel pesar ainda mais do que pesaria se não tivesse esgotado todos os meios e toda a esperança.

Os soldados franceses lá embarcaram já para o Rhur: e serenamente apenas comentam: a Alemanha assim o quís!

DE INGLATERRA

As reclamações das companhias de caminhos de ferro

O contrôle do Estado

(Serviço especial para o Diario de Lisboa)

LONDRES, 5.—Sir Eric Geddes, ministro dos transportes, anunciou nos Comuns que o governo tinha conseguido englobar na soma de 51 milhões de libras esterlinas todas as reclamações das companhias de caminho de ferro, provenientes da aplicação do contrôle do Estado.—(R.).

Uma critica á politica alemã

O dr. Von Simons interprete da politica de Hertzberg

LONDRES, 5.—O sr. Scathing publica uma critica da politica alemã na questão das reparações denunciando o dr. Simons como interprete da politica do sr. Hertzberg, e em que diz, segundo um schema por ele apresentado, a Alemanha poderia pagar 11.300 milhões de libras esterlinas em 67 anos.—(R.).

O novo embaixador em Berlim

LONDRES, 5.—O correspondente do «Times», em New York, diz que o sr. David Jayne Hill foi escolhido para embaixador em Berlim, e o sr. Washburn Child, embaixador para Tokio.—(R.).

EM JAFFA

Disturbios no dia 1.º de Maio

Um conflito entre mussulmanos e arabes

LONDRES, 5.—O secretario das colonias diz que no dia 1.º de Maio houve disturbios originados pelos comunistas nos bairros judaicos de Jaffa, tendo havido disturbios graves entre os mussulmanos e judeus nos bairros de população mixta. Trinta judeus e dez arabes foram mortos, cento e setenta judeus e cincoenta e sete arabes gravemente feridos.—(R.).

DOS ESTADOS UNIDOS

Uma tentativa de roubo de vinhos

A explosão dum aparelho

NEW YORK, 5.—A tentativa de roubar vinhos e liquidos espirituosos da casa de verão de Adolfo Zukor, grande magnate dos animatografos de New York, deu como resultado a morte dum dos ladrões e graves ferimentos para outros, devido á explosão dum aparelho para defender a adega dos ladrões.

Em Chicago, organisou-se uma policia especial para evitar os ataques nos fornecimentos particulares de alcoes.—(R.).

Aparelho telefonico

Precisa-se um aparelho telefonico. Carta a este jornal ás iniciais J. M.

PERFUMES CRENOVILLE

UM "DESIDERATUM"

A confiscação das receitas das alfandegas alemãs

O que escrevem os jornais holandeses

O sr. Briand insiste numa garantia dada aos aliados que lhe permita fiscalizar a administração financeira da Alemanha como na Turquia

BERLIM, 5.

Os jornais holandeses e suiços consideram inevitavel a ocupação do distrito do Rhur.

Apesar das dificuldades encontradas, Brind conseguiria o seu «desiratum» de ocupar aquele distrito. Briand insiste numa garantia dada aos aliados que lhe permite fiscalizar a administração financeira da Alemanha, segundo um modelo da comissão que fiscaliza a divida publica em Constantinopla.

O «Petit Parisien» diz que esta seria a unica maneira de obrigar a Alemanha a cumprir as suas obrigações, colocando-a sob tutela.

E' tambem provavel a confiscação das receitas das alfandegas alemãs e uma taxa de 25 por cento sobre as exportações.—(R.)

O bloqueio dos portos alemães

A opinião do conde Sforza

ROMA, 5.

A proposta francesa de bloquear varios portos alemães foi desaprovada pelo conde Sforza, ministro dos negocios estrangeiros da Italia, que disse que esse bloqueio faria aparecer dentro de duas semanas novos «comités» aliados que se interessassem caridosamente para sustentar as crianças alemãs a quem essa medida principalmente feriria.—(R.)

A reunião do Conselho Supremo

As garantias que se exigem para o pagamento das reparações

LONDRES, 5.

A reunião do Supremo Conselho foi de mais longa duração do que se supunha, e foi resolvido nela, que as garantias exigidas para o pagamento, para a Alemanha inclue a separação das alfandegas e o estabelecimento de comissões aliadas para examinar a maneira como decorrem as exportações. A capacidade alemã de pagamento será julgada pelo produto de uma taxa correspondente a 25 0|0 das exportações alemãs. Os «bonds» que sejam emitidos terão o juro de 5 0|0.—(R.)

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos de todas as especialidades

"Diario de Lisboa"
— JORNAL DA TARDE —
Vende-se em todas as tabacarias e quiosques

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Tereza da Silva de Vasconcelos Porto, D. Augusta de Vasconcelos de Meireles e D. Maria Amalia Duarte Caleya.

E os srs.:

Conde de Arge e Francisco Ferreira de Lima.

Casamentos

Em virtude de se realizar no domingo a festa das «Florinhas da Rua» no jardim da Estrela, foi transferido para segunda feira, 9, o casamento da sr.ª D. Maria del Pilar Burnay Verda (Mairos) gentil filha dos srs. viscondes de Mairos, com o sr. Antonio de Almeida, filho da sr.ª D. Maria de Almeida e do sr. Constantino de Almeida,

Servirão de madrinhas as sr.as condessa de Burnay e viscondessa de Mairos, respectivamente avó e mãe da noiva e de padrinhos os srs. Constantino de Almeida (filho) respectivamente pai e irmão do noivo.

A cerimonia terá lugar na capela do palacio da Junqueira, residencia da avó da noiva.

Os noivos vão passar a lua de mel na quinta das Laranjeiras.

Festa intima

Comemorando o 11.º aniversario de casamento, a sr.ª D. Alice Fernandes Correia e e sr. Antonio Soares Correia, distinto comerciante, oferecem hoje um jantar intimo ás familias das suas relações e amisade.

Em viagem

Vindo de Coimbra encontra-se em Lisboa o sr. dr. Coutinho de Oliveira.

—Para a quinta das Gaeiras partiu com sua esposa a sr.ª D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto Basto e suas gentis filhas, o sr. Frederico Ferreira Pinto Basto.

—Está em Lisboa, hospedado no Hotel Borges, o sr. Mem Rodrigues de Vasconcelos, vindo da sua casa de Elvas.

—Da quinta da Corujeira, na Merceana, regressaram a Lisboa o sr. Antonio de Sampaio Dart da Costa e sua esposa a sr.ª D. Maria Sofia Cardoso Pedreira da Costa.

—Encontra-se no Porto o sr. Alfredo Ventura Brandão.

—Vinda de Espinho encontra-se em Lisboa, hospedada no Hotel de Inglaterra, com seu filho Antonio, a sr.ª D. Lucinda Andrade Ferreira Pinto Basto, esposa do sr. Henrique Ferreira Finto Basto.

—Partiu para o Porto o nosso presado amigo dr. Miguel Braga, depois duma demora de poucos dias em Lisboa.

No Palacio de Belem

O ministro da Suecia entregou hoje as suas credenciaes ao sr. P. residente da Republica

A's 16 horas chegou ao palacio de Belem, acompanhado do sr. Costa Cabral, chefe do protocolo do ministerio dos negocios estrangeiros, o novo ministro da Suecia.

Foi recebido no atrio pelo sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia da Republica e ela aguardado na sala de entrada pele sr. Vaime Atlas. Na sala dourada encontrava-se o sr. Presidente da Republica acompanhado pelo sr. dr. Bernardino Machado e pelo ministro dos estrangeiros. O ministro da Suecia, depois dos cumprimentos fez a entrega das credenciaes que o acreditam como enviado extraordinario do seu país e ministro plenipotenciário junto do sr. Presidente da Republica

Todas as senhoras elegantes
COMPRAM MUSICAS NA CASA
Valentim de Carvalho
Rua da Assunção, 39

NAS BELAS ARTES

Abertura da 18.ª exposição anual de pintura escultura e arquitectura

Abriu hoje ao publico, no palacio da rua Barata Salgueiro, a 18.ª exposição anual de pintura, escultura e arquitectura, em que expõem alguns nomes consagrados e outros a caminho da consagração definitiva. A exposição dêste ano pode dizer-se equilibrada. Alves Cardoso fez progressos admiraveis, dando-nos algumas impressões da sua, terra que respiram trasmontanismo. O proprio retrato do sr. Sotto Maior é uma esplendida paisagem trasmontana.

O critico de arte do *Diario de Lisboa* ocupar-se-há do certamen com mais largueza.

Como é da praxe ultimamente seguida, não houve catalogo e cada entrada custa dois escudos. A exposição foi concorridissima por artistas, jornalistas e homens de letras. Do corpo diplomatico, o sr. ministro da Alemanha foi o primeiro a chegar.

O sr. presidente da Republica deve inaugurar ainda hoje a exposição.

CARTAZ

Nacional—A's 21, «Leonor Teles».
S. Luis—A's 21, «J. P. C.«
Ginasio—A's 21,30, «Duas causas»; Um acto de variedades.
Politeama—A's 21, «Paris-Monte Carlo».
Avenida—A's 21,15, «O Pato».
Eden-Teatro—A's 21, «Cerco ao rei».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Coliseu dos Recreios—A's 21,15, Companhia Great Carmo.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Ultimas Noticias

O Parlamento pelo telefone

Haverá hoje sessão nos Deputados?

Se ha numero, ou se vamos apanhar a espiga?—perguntam.

Naturalmente, ha numero e vamos apanhar a *espiga*... da sessão.

Agora, como o Regimento está engendrado, até três deputados podem formar *quorum*. Basta que todos os outros que cá não querem vir justifiquem a falta de qualquer maneira. Mas ha nada menos de três *quoruns*, o que ainda mais facilita as coisas: ha um para se ler a acta; ha outro para se entrar no «antes da ordem», e ha depois outro para a «ordem do dia». Com o primeiro esperam-se os que não sendo dos que chegam cedo, tambem não são dos que mais tarde dão sinal de si; com o segundo dizem-se umas duzias de frases a proposito de qualquer assunto e com o terceiro fazem-se votações. Assim se dá tempo a que apareçam os que nunca têm pressa, A's 16 horas e tal é quando se faz alguma coisa de util... ou de esteril.

A questão da Agencia Financial

Para hoje a questão de maior vulto é a continuação do debate da proposta que entrega á Caixa Geral de Depositos a administração da Agencia Financial do Rio de Janeiro.

Ha diversos oradores inscritos sobre a questão previa do sr. Cunha Leal. Pela doutrina exposta neste documento, a proposta teria que ficar de remissa até que o sr. ministro dos negocios estrangeiros se informasse, pelas vias diplomaticas, de um decreto brasileiro publicado em 16 de Março, implica com a referida Agencia. Porém, ha uma corrente, já ontem pronunciada na direita oposicionista, que não apoia essa idela dos populares, por entender que esse decreto deve ter a interpretação que o governo lhe dá e é a de que esse diploma não se entende comnosco, isto é, com a agencia em foco.

O Parlamento vai intervir na questão da Carris

Volta a dizer-se que o Parlamento não deixará de ocupar-se das tentativas da Carris, muito embora seja á Camara Municipal que compete resolver o caso.

E' que não falta, entre os legisladores, quem verifique certas «gaffes» descabeladissimas nas contas das companhias dos electricos e ascensores. Uma, por exemplo, é esta: Tendo uma assinatura para o actual semestre custado 30 escudos e dizendo a Mecanica que deseja o aumento de 100 por cento nas suas tarifas, não se percebe como essa empresa exige para o meio ano seguinte 90 escudos por igual «concessão».

De facto, o caso, que interessa aos parlamentares, que na sua maioria viajam no ascensor Camões-Estrela, indica uma de duas: ou ha respeitavel comidela, ou a taboada não está certa.

A acquisição de trigos

Hoje, a não ser que os membros desta casa parlamentar sempre se decidam a ir á tradicional apanha da espiga campesina, o ex-detentor da pasta da agricultura, sr. João Gonçalves, fará novo discurso sobre acquisição de trigos, prosseguindo assim na defesa da sua obra ministerial. Pelo menos, s. ex.ª está com ela fisgada neste sentido.

No Senado

Deve ficar, hoje, aprovado o ultimo "remendo" deitado no decreto de amnistia

Depois de se terem pronunciado, ontem, os srs. Pereira Osorio, Jacinto Nunes, Alves de Oliveira, Machado Serpa, Alvares Cabral, Raimundo Meira, ministro da justiça, Catanho de Menezes sobre a lei que concede amnistia, deve prosseguir a discussão e ser aprovada a proposta 825, na sessão de hoje nesta casa do Parlamento.

E' o seguinte, o parecer apresentado pela respectiva comissão:

Senhores Senadores.—A vossa comissão de legislação civil, examinando detidamente a proposta de lei n.º 825, vinda da Camara dos Deputados, foi de parecer que lhe havia de introduzir algumas alterações mais consentaneas com o seu espirito e fim a que se destina.

O artigo 1.º dessa proposta classifica-a de «interpretativa», denominação esta que não parece apropriada ao seu contexto, que importa realmente uma verdadeira alteração ou modificação á doutrina estabelecida no art. 7.º da lei n.º 1.144.

Quando o texto de qualquer disposição se presta a diversos significados, comprehende-se que haja uma lei interpretativa, que venha fixar-lhe o sentido; mas se, como no caso presente, ha uma «inovação» de direito, a lei toma necessariamente o caracter desta e é realmente uma «lei nova».

Por isso entende a vossa comissão que o artigo unico da proposta deverá ser redigido assim:

«E' substituido o artigo 7.º da lei n.º 1.144 pela forma seguinte»:

E, pelo que respeita ao conteúdo dêsse artigo 7.º, deverá antes ser redigido por forma que deixe ao Governo a faculdade da reintegração, despida de qualquer sombra de mero arbítrio, e sempre justificada com precisão e claresa, de modo a salvaguardar os legitimos interesses do país e das instituições vigentes.

Assim, temos a honra de submeter a referida proposta ao elevado criterio do Senado com as modificações que lhe introduzimos:

Artigo unico. O artigo 7.º da lei n.º 1.144 fica substituido pelo seguinte:

«Artigo 7.º Os amnistiados, civis ou militares, não podem ser reintegrados em quaisquer funções publicas senão por deliberação do Governo devida e precisamente justificada e publicada no *Diario do Governo* e não podem, em todo o caso, eximir-se aos efeitos da lei n.º 968, que continua em inteiro vigor.»

(aa) *Antonio de Oliveira e Castro, Jacinto Nunes* (com declarações), *José Joaquim Percira Osorio, João Catanho de Menezes*, relator.

O dia da Ascensão

Uma tradição que se vai perdendo

Lisboa, acordou hoje com o sol ausente, o caris do ceu ameaçando chuva e com um dia da Ascensão a festejar. Repicaram os sinos nas igrejas, vimos em algumas delas criancinhas orando; pelas ruas, muito murchos, muito tristes, tristes raminhos da Ascensão, onde a espiga simbolica magramente erguia os seus bagos sagrados, e onde papoulas, seda rubra das searas eram bocas apaixonadas, apunhaladas em volupia.

Oh! aquêles dias de Ascensão longiquos em que Lisboa, abalava para os campos, merenda na mão, alegria na face, rindo, cantando, saudando o verão, glorificando o sol.

Os campos transformavam-se em quermesses de luz, havia no espaço um sussurro de beijo, grande beijo de carinho que as crianças disputavam ás andorinhas, correndo pelas searas.

A' noitinha, as estradas suburbanas enchiam-se de ranchos de raparigas, ouvia-se nas guitarras o descante da saudade luziada e era sempre com uma saudade, que passado tempo se evocava o dia da Ascensão.

Hoje ninguem reparou nele. E se não fossem os raminhos murchos, os tristes ramos que por aqui e ali encontramos em mãos sujas de crianças ninguem diria que o dia da espiga, o arauto do verão passára hoje...

A posse do novo ministro da agricultura

Realizou-se na tarde de hoje, com grande concorrencia

Pelas 14 e 30 realizou-se, com grande assistencia, o acto de posse do novo ministro da agricultura, capitão-tenente sr. Portugal Durão.

A posse foi-lhe conferida pelo sr. dr. Bernardino Machado, que fez o elogio do novo titular da pasta, como oficial de marinha e como antigo director dos Transportes Maritimos.

Em seguida usaram da palavra o distinto colonial sr. Lisboa de Lima, em nome do comercio e industria; Albert Macieira, pela Associação Comercial; Alfredo da Silva, pela Associação Industrial Portuguesa, e Cristovam Moniz, funcionario superior do ministerio da agricultura.

O novo ministro agradeceu com certa emoção as palavras de cumprimento que lhe foram dirigidas, declarando contar com o auxilio sincero dos funcionarios do ministerio para conseguir enfrentar o problema das subsistencias, por forma a defender o interesse do publico, sem prejudicar os interesses do Estado.

Cruzador "Pittsburgh"

Foram retribuidos os cumprimentos ao almirante e ao comandante do cruzador americano, por parte do sr. ministro da marinha e pelo seu chefe de gabinete o capitão de fragata sr. Agnelo Portela e foram pessoalmente agradecer os cumprimentos os srs. major general da armada e administrador geral do arsenal.

DIARIO POLITICO

Um novo regimen de venda de açucar

No intuito de terminar com abusos a cada passo verificados, o sr. comissario dos abastecimentos vai propôr ao sr. ministro da agricultura que deixe de ser fornecido açucar a particulares.

De ora avante os fornecimentos para a provincia serão feitos directamente ás camaras municipais ou juntas de paroquia.

Deste modo evitar-se-ha a especulação dos intermediarios a quem os provincianos devem o obsequio inesquecivel de pagar açucar por preço tres vezes superior ao da capital.

Vai finalmente votar-se o orçamento

O Grupo Parlamentar Democratico na sua reunião de ontem resolveu manifestar-se favoravelmente á realisação de sessões nocturnas para a rapida discussão e aprovação do orçamento geral do Estado.

Essas sessões principiam na proxima terca-feira.

Como sempre, os nossos parlamentares apenas se lembram de Santa Barbara quando o trovão ribomba.

O orçamento será votado mais uma vez com uma velocidade verdadeiramente indesejavel.

O novo contracto da Companhia das Aguas

A Camara Municipal oficiou ao sr. ministro do Comercio solicitando daquele titular que não apresente ao Parlamento o projecto de lei autorizando o governo a fazer o novo contracto da Companhia das Aguas antes de sobre ele ela se pronunciar.

O governo oficiou á Camara, em 24 de março passado, demonstrando-lhe a necessidade de emitir a sua opinião. Mas sucede que a Camara já discutiu o assunto em nove sessões e realizará ámanhã a decima sem resolver absolutamente nada.

Em cada uma das sessões um unico orador tem tomado todo o tempo que ela dura, discursando improdutivamente as vantagens e desvantagens do contracto.

Flôres de retorica, apenas.

Disseram-nos que o sr. ministro do Comercio, antes de responder decisivamente ao oficio da Camara, está na disposição de averiguar quantos vereadores estão ainda inscritos, isto para ver se consegue que a agua nos não falte no verão do ano que vem.

Exposição de rosas

na Camara Municipal

Na sala dos vereadores da Camara Municipal, a mesma onde foi colocado o retrato do falecido presidente Rosa Araujo, inaugurou-se hoje uma exposição de rosas, que tem interessantes exemplares, fazendo honra á floricultura nacional e aos jardineiros do municipio. E' pena que não haja entre tantas rosas uma com nome portugues. São todas Dickson, Davidson, Andrews, etc.

A exposição foi muito visitada, principalmente pelos empregados do municipio e por alguns policias.

Aguardava-se a chegada do sr. presidente da Republica, a fim de inaugurar oficialmente o curioso certamen.

A miseria dos estudantes da Europa Central

Ao sr. Carlos Hurry foi oferecido hoje um almoço a que assistiram os ministros da guerra e dos estrangeiros

Realizou-se hoje no «Majestic» um almoço de homenagem ao sr. Carlos Hurry, que ontem chegou a Lisboa e que vem na nobre missão de minorar a aflitiva situação em que se encontram os estudantes da Europa Central.

O sr. Hurry, que é secretario da Associação Cristã dos Estudantes, vem tambem conhecer os membros dessa associação que existe em Portugal.

Ao banquete, que foi muito animado, assistiram, entre outros, o sr. ministro da America, os srs. ministros da guerra e dos estrangeiros; dr. João de Barros, D. A. Doria, chefe do Triungulo Vermelho Francês, W. S. Stallings, secretario nacional da Associação Cristã da Mocidade.

O sr. Hurry pronunciou um elegante discurso, patenteando a miseria dos estudantes da Hungria, Austria, Romenia e da Tcheco-Slovaquia e pedindo para eles a solidariedade de todos. Seguiram-se outros discursos.